

La organización de la unidad económica campesina: perspectivas repensadas

*La organización de la unidad económica campesina: perspectivas
repensadas*

The organization of the peasant economic unit: rethought perspectives

Arthur Saldanha dos Santos¹

Resumo

O objetivo deste trabalho está centrado em analisar de forma clara, concisa e subjetiva, as percepções de Alexander Chayanov em sua obra prima intitulada “La organización de la unidad económica campesina”. As noções básicas aqui colocadas, partem do entendimento e das estruturas que envolvem o modo de produção de unidades rurais – entendidos como camponeses. Tais pressupostos levam em consideração à compreensão de uma produção econômica não pautada nas dinâmicas capitalistas, mas sim, como uma forma autônoma de produção e reprodução social.

Palavras-Chave: Camponeses; Economia; Produção; Reprodução; Sociedade.

Resumen

El objetivo de este trabajo está centrado en analizar de forma clara, concisa y subjetiva, las percepciones de Alexander Chayanov en su obra maestra titulada "La organización de la situación económica campesina". Las nociones básicas aquí planteadas, parten del entendimiento y de las estructuras que involucran el modo de producción de unidades rurales - entendidos como camponeses. Tales presupuestos toman en consideración la comprensión de una producción económica no pautada en las dinámicas capitalistas, sino como una forma autónoma de producción y reproducción social.

Palabras claves: Camponeses; Economía; la producción; Reproducción; La sociedad.

Abstract

The objective of this work is centered in analyzing, in a clear, concise and subjective way, the perceptions of Alexander Chayanov in his masterpiece entitled "The organization of the peasant economic unit". The basic notions set forth here, start from the understanding and the structures that involve the mode of production of rural units - understood as peasants. Such assumptions take into account the understanding of an economic production not based on capitalist dynamics, but rather as an autonomous form of social production and reproduction.

Keywords: Peasants; Economy; Production; Reproduction; Society.

¹ Doutorando em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES). Mestre pelo Curso Associado entre a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) em Sociedade, Ambiente e Território (PPG-SAT). Bacharel em Humanidades pela Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

CHAYANOV, Alexander V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974, 342 p.

1. Introdução

Alexander Chayanov (1974) representa um contexto complexo na situação da questão agrária da Rússia, que alcançou dimensões mais ou menos mundiais. Contexto este, debatido por outros teóricos, como Lênin (1985) e Kautsky (1968) como caótico, desigual e redefinidor de novas dinâmicas sociais nas unidades rurais. Tais autores procuraram compreender e analisar o desenvolvimento capitalista no campo, centrado em como os modos de vida na cidade influenciavam a vivência no espaço rural. Hoje os debates que se propõem a analisar as dimensões agrárias, sociais, econômicas, culturais, políticas, etc., partem fundamentalmente, dos estudos apresentados por esses autores considerados clássicos na literatura em questão.

Debates acadêmicos atuais têm apreendido que o processo desenvolvimentista capitalista não afetou as dinâmicas campesinas, transformando suas estruturas básicas de produção para um viés negativo e destrutivo, mas sim, fortalecendo as relações sociais e as dinâmicas econômicas desenvolvidas nesses espaços. Em contrapartida, outras análises teóricas têm reafirmado, com frequência, que a vida no campo foi alterada e o trabalhador rural transformado e empresário. Nesse sentido, as reflexões propostas por Chayanov são extremamente pertinentes nessas construções analíticas da contemporaneidade, por fornecer ferramentas essenciais para a construção de diálogos entre os teóricos, sobre a questão agrária e seus desdobramentos.

Para a sua época, Chayanov conseguiu construir um trabalho interdisciplinar e de um rigor científico destacável, dialogando sobretudo, com a economia, a demografia, a história, dentre outras áreas. Devemos levar em consideração ainda, sua didática em escrever – a leitura de suas obras ocorre de forma tranquila e de fácil compreensão. Este recorte faz desse autor, referência para o meio acadêmico mundial, bem como, aporte teórico para os distintos movimentos sociais, como por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, que comparado aos distintos movimentos, associações ou pessoas que lidam com a terra, representam forte ligação entre o rural e o urbano quando se leva em consideração suas dimensões analíticas (sociais, econômicas, culturais e política).

Nesse sentido, o presente trabalho busca de forma bastante restrita e baseado em leituras diversas, elencar algumas fundamentações e percepções que norteiam a obra de

Chayanov, a fim de “acender uma luz” para todas as pessoas que almejam estudar sua obra. Esta perspectiva é repensada por estabelecer linhas de diálogos entre os trabalhos clássicos da questão agrária, juntamente às noções mais recentes desse universo. Embora Chayanov tenha recebido diversas críticas às suas percepções, compreender as origens dos debates sobre a questão agrária é essencial para se montar um arcabouço mais sólido nas discussões subsequentes.

2. Por uma leitura repensada da obra de Chayanov

De forma geral, o objetivo de Chayanov pode ser compreendido a partir da análise da unidade econômica camponesa, especificamente da Rússia. Conforme apontado anteriormente, seus estudos se estenderam ao mundo, como pode ser verificado nas inúmeras citações de seu trabalho e obras similares. Ele se tornou referência na compreensão da estrutura agrária campesina sob o viés socioeconômico. Dessa forma, Chayanov trabalha com as relações econômicas entre força de trabalho, capital, terra e família, visando o “*equilíbrio econômico entre estos factores*”, guiados pelas dinâmicas produtivas e reprodutivas do núcleo familiar (Chayanov, 1974, p. 06).

O autor parte da dicotomia entre o assalariamento e economia camponesa – estabelecendo assim, uma dinâmica não capitalista no campo. Esta especificidade de Chayanov, rompe com as proposições colocadas por Lênin (1985), sobre o desaparecimento do camponês, pela inserção do capitalismo no campo. “Apesar da crítica de Lênin aos populistas ter tomado a forma de uma caracterização teórica da dinâmica da agricultura camponesa no contexto russo, sua análise pode ser vista como uma crítica antecipada também à escola de Chayanov” (Wilkinson, 1986, p. 45). Em contrapartida, estabelece uma relação proximal com a posição teórica de Kautsky (1968), que apresentava os camponeses como pessoas estratégicas, que não deixariam de existir, mas fortaleceriam seus vínculos com a terra e recriariam novas formas de vivências. Nesse ponto de vista, os camponeses eram vistos dentro dos ideais socialistas, como sociedades duvidosas devido o grande número de pessoas, pelas variações culturais e inconstâncias políticas. As suas organizações sociais se diferenciavam profundamente dos modos de vida na cidade – eles não se encaixavam em padrões previamente definidos.

O campesinato constituía-se por assim dizer, como uma forma de vida estrategicamente organizada e fadada à extinção. O avanço tecnológico, as transformações sociais, a produtividade, a inovação, dentre outros, incorporaria as populações rurais às

dinâmicas urbanas. Somando-se a este cenário arbitrariamente pensado, o esquecimento dessas sociedades por parte do poder político seria então, questão de cunho social marginalmente localizado no crescimento econômico das nações (Abramovay, 2012).

Contudo, como observado mais atualmente e com vistas a projeções futuras, os cenários imaginados sobre as populações do campo assumem outras variações – podendo, inclusive, dizer que ocorreu e ocorre o inverso da utópica previsão supracitada. Conforme veremos mais adiante, o perfil do campesinato foi reconfigurado e no caso brasileiro, de modo específico, se desenvolveu e se apresenta como um modo de vida recorrente e numeroso com o passar dos anos, ressaltando a possível e fértil relação entre humanos e natureza.

Alexander Chayanov inicia seu trabalho contextualizando a pesquisa e estabelecendo os seus diálogos com algumas análises de outros autores. Ele dialoga principalmente com Lênin sobre o caso agrário russo, contudo, se dedicando mais especificamente, ao caso econômico campesino, o que por sua vez, possibilita também um diálogo com Marx (1985) em sua análise do capitalismo na agricultura. Tal percepção foi a preocupação dos autores devido a transição do sistema feudal para o sistema capitalista e suas implicações no campo, como por exemplo, políticas de acesso a terra, organização de cooperativas de produção, inserção de maquinário, etc. A partir da ideia de produção mínima de sobrevivência, Chayanov procura compreender como as relações capitalistas influenciaram em primeiro momento, as atividades camponesas, como o tamanho da unidade familiar, o trabalho, o consumo e a relação entre a produção no campo com o tamanho da unidade familiar.

Chayanov analisa também a relação consumo e distribuição da força de trabalho dos camponeses ao longo do ano. Para isso, ele compreende como “*producto bruto*” o resultado anual da força de trabalho das famílias, seja na agricultura, no artesanato ou no comércio. Já o “*producto neto*” por sua vez, se refere ao substrato do produto bruto. É o resultado final, líquido, depois de cobrir todos os gastos gerais do capital. Dessa forma, justifica-se a intenção do autor em analisar as necessidades de consumos dos grupos familiares de acordo com o somatório das forças de trabalho. Ou seja, “*número de consumidores con el número de trabajadores*” (Chayanov, p. 15). Dessa forma, a análise da “autoexploração” da força de trabalho é uma constante dinâmica dos consumidores, que ao ser analisado esse processo, o autor percebe um aumento considerável no número de consumidores e uma queda expressiva no número de produtores ao longo dos anos. Essas variações na unidade econômica familiar

devem buscar o equilíbrio entre a terra, o trabalho e o consumo (capital), tendo como variável a indissociação desses elementos (Wilkinson, 1986).

Ao propor elementos básicos para um modelo de empresa agrícola com uma lógica não capitalista de exploração camponesa, Chayanov parte da combinação entre força de trabalho e capital, em um processo que consiga abordar quantitativamente e qualitativamente a terra – esta noção busca compreender as possíveis relações entre o sistema capitalista e o modo de produção e reprodução do núcleo familiar no campo. Ele percebe que essa abordagem se fundamenta tanto no tamanho da área de exploração, quanto nos fatores de produção dessa área, visto como uma relação necessária e intrínseca.

Chayanov destaca que: *“cuando la tierra es insuficiente y se convierte en un factor mínimo, el volumen de la actividad agrícola para todos los elementos de la unidad de explotación se reduce proporcionalmente, en grado variable pero inexorablemente”* (p. 56). Torna-se assim, extremamente importante a análise da produção agrícola a partir da força de trabalho e conseqüentemente, do consumo, o que por sua vez está relacionado com o capital. Essas análises apresentam que a terra, o capital e o trabalho de uma empresa agrícola, e a “lógica de maximização do lucro” pelo empresário em função do capital e da “racionalidade empresarial”, se diferem da força de trabalho no campesinato, visto como um componente fixo na composição da produção camponesa, e definida pelo tamanho da estrutura familiar.

A partir desses pressupostos é possível compreender como se dá a inserção do capitalismo na agricultura camponesa. Através desse texto é possível também perceber que as relações capitalistas no modo de produção camponesa se dão de forma diferente ao comparado com empresas agrícolas que visam a lucratividade – sendo esta a considerável diferenciação entre ambas. Essa análise é essencial para os atuais estudos sobre agricultura familiar, cooperativas rurais e desenvolvimento rural e análises dos regimes de terras, como o consentimento ou não da terra tida como herança, onde se emprega mão-de-obra adicional ao núcleo familiar, como forma de agregar força de trabalho às atividades na terra. O que justifica, por exemplo, a grande proporção que tomou os estudos desse autor nos debates da questão agrária.

Chayanov evidenciou em sua época, uma complexa rede diferenciada de produção no mundo rural, que escapava, por assim dizer, aos domínios aplicados do processo capitalista em desenvolvimento. O modo de produção e reprodução camponesa, seguia uma lógica própria de segmento social, econômico e cultural, que culminará nos mais recentes estudos

sobre pluriatividade, multifuncionalidade, assumindo novas categorias e especificidades no mundo rural. Parte daí a importância atribuída aos estudos e análises do autor. Sendo assim, pensar a sociedade rural atual requer um distanciamento considerável para análise de suas fundamentações – é necessário compreender as perspectivas diversas que nortearam os debates em torno da vida no campo. Como seriam esses modos de vida no campo? Quais características representam melhor o perfil do trabalhador rural?

Os debates mais recentes levam em consideração que a vivência no campo é de natureza complexa, múltipla e envolve componentes de ordem sociocultural, histórica, biológica e psicológica de sobrevivência. Woortmann (1987), por exemplo, analisa a ética camponesa brasileira a partir da etnografia, entendendo a vivência camponesa em função de valores e princípios organizatórios centrais, o que para o autor se define como “campesinidade”, cujo foco é a ordem moral centrada na própria ética da vivência camponesa. Portanto, de forma geral, o autor analisa a vida campesina a partir das estruturas sociais e relações dos indivíduos com a terra e com os outros no cotidiano.

Nessa perspectiva, a análise de Woortmann se distancia da compreensão de Marx (1956) sobre o capitalismo no campesinato como parte integrante da dinâmica econômica capitalista e se aproxima da proposta de Chayanov (1974) em construir uma discussão da vida campesina a partir da sua força de trabalho como meio de sobrevivência e reprodução da terra e da família. Woortmann propõe um estudo que leva em consideração alguns aspectos da visão “chayanovista” e que aprofunde nas vivências e relações sociais da experiência campesina, que ele chama de produção cultural da família enquanto valor.

Entendendo o modo de vida no campo, levando-se em consideração a existência das relações sociais proximais e duradouras, podemos compreender como as atividades econômicas são pensadas e realizadas no espaço rural. Dessa forma, a discussão que emerge sobre a pluriatividade, por exemplo, parte da inserção do trabalhador rural em outras atividades, de cunho rentável, que não sejam propriamente ditos, no campo. Há uma associação entre os trabalhos desenvolvidos em parte no campo, e outra parte na cidade. Considera-se ainda, que a fim de aumentar a renda da família e poder prosperar no espaço rural, os camponeses integram ainda a essas atividades, negociações diretas com outros camponeses – o valor atribuído a cada usufruto é específico e possui uma lógica própria do campo, podendo inclusive, existir trocas de mão-de-obra em períodos de necessidade por

parte dos vizinhos. Essa dinâmica, conforme salientado anteriormente, não está centrada na lucratividade, mas sim em atender às dinâmicas produtivas do sustento familiar.

O espaço rural é visto então, como múltiplo, diversificado, assumindo contornos não analisados anteriormente pela literatura, o que nos leva a um outro conceito bastante discutido quando se trabalha com essa temática – a multifuncionalidade. Essa vertente apresenta o campo como um lugar de estratégias, variações nas dimensões analíticas e diversas funcionalidades, caráter este que possibilita ao trabalhador rural a capacidade de se reinventar constantemente em função dos seus alcances diversos na estrutura social.

Nesse sentido, estas percepções partem das reflexões iniciadas por Chayanov e demais autores, sobre o modo de vida camponês centrado na satisfação das suas próprias necessidades de sobrevivência e do núcleo familiar. Essa dinâmica por sua vez, conforme o autor apresenta, é variável e dependente do número de pessoas da unidade familiar, o tamanho da família influencia na quantidade de força de trabalho necessária, atendendo sempre à subsistência e reprodução social. Vale destacar ainda, que as trocas são essenciais nesse processo de sobrevivência, já que nem todos os produtos podem ser retirados do espaço rural familiar. Portanto, a circulação de mercadorias oriundas dos espaços urbanos é compreendida como restrita ao essencial, bem como ao indispensável à sobrevivência da família. Os vínculos mais profundos com a dinâmica urbana capitalista de exploração não agregam os modos de vida camponês. Dessa forma, seria incorreto afirmar que essa sociedade seria incorporada ao capitalismo por fazer uso de seus recursos e dinâmicas específicas.

Não podemos ser ingênuos em acreditar que o camponês representa uma sociedade organizada economicamente, que não estabelece relações com os reflexos apresentados pelo capitalismo. Contudo, não podemos considerar que a participação das economias, estruturas e dinâmicas diversas dessa ideologia política, integra esse pessoal à sua orientação e dependência exclusiva. Como já apresentado, tal participação é evidente nas dinâmicas de vida dos espaços rurais, configurando-se em redefinições e adequações ao surgimento e desenvolvimento do processo globalizador.

Este breve recorte teórico, de cunho resenhista com sutil toque crítico, evidencia os patamares que atingiram as percepções de Alexander Chayanov, ao apresentar o camponês de uma forma multifacetada e de ângulos até então obscuros ao mundo acadêmico. Promover discussões teóricas atualmente, sobre a situação camponesa, requer uma releitura do trabalho desse autor que se consagrou na atualidade. Seu livro é de fácil compreensão e instigante, o

que garante uma satisfação fundamentada na teoria e no bom desenvolvimento da análise crítica e teórica, sobretudo, repensada sobre os modos de vida em espaços rurais.

3. Considerações finais

As críticas ao trabalho de Chayanov são recorrentes no meio acadêmico. Dentre elas, a mais convincente perpassa o entendimento de que a não compreensão, de modo geral, da categoria “pequeno produtor” no contexto brasileiro, baseado no potencial autossuficiente do produtor rural quando se trata de trabalho familiar nas atividades econômicas da unidade rural, sem levar em consideração a peculiaridade da reserva de força de trabalho para o capitalismo, entende tal categoria como capitalista, por assim dizer. Tal debate está centrado em confrontar, sobretudo, as percepções de Chayanov às perspectivas apresentadas por Lênin. Embora sejam pontos de vista opostos, as posições apresentadas pelos autores caminham para uma falsa equação ao relacionar a força de trabalho e a produção familiar, sendo tendência à exploração capitalista (Wilkinson, 1986, p. 46- 47).

Nesse sentido, a unidade econômica familiar do campesinato se desenvolve de forma diferenciada quando comparada à unidade econômica de cunho capitalista. Tal diferenciação está ancorada no trabalho assalariado, bem como nas motivações trabalhistas, conforme buscou-se apresentar ao longo desta resenha. Não foi desenvolvida uma análise profunda das abordagens dos autores, principalmente sobre suas divergências. Contudo, as análises aqui apresentadas tiveram como foco a apresentação do cenário complexo da sobrevivência no campo, que desde os tempos remotos têm suscitado na academia divergências e oposições cruciais para o entendimento do espaço rural social.

Por fim, a pequena unidade de produção familiar não se tornou um caso específico de organização social histórica dentro dos processos de transformação do capitalismo, mas sim um modo de vida real que incorpora e redefine o conceito de progresso à sua maneira, consolidando-se em núcleos familiares que produzem em baixos custos e transformam-se em estratégias diversificadas de sobrevivência no campo – tornando-se modelo de desenvolvimento econômico (Abramovay, 2012). O campesinato como estratégia de sobrevivência abre caminhos para discussões altamente incidentes na atualidade, como por exemplo, a diversificação produtiva. Não cabe mais a concentração de grandes extensões de terras nas mãos de poucos proprietários, que muitas vezes são péssimos exemplos de não preservação ambiental, exploração dos recursos naturais e exercício de práticas insustentáveis

com a terra. As políticas públicas para o desenvolvimento territorial devem partir do entendimento de que os aspectos culturais e sociais são de extrema importância quando falamos em espaço rural.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. *Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão*. São Paulo: Edusp, 3º. Ed, 2012, 296 p.

CHAYANOV, Alexander V. *La organización de la unidad económica campesina*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974, 342 p.

KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. Tradução de C. Iperoin. Laemmert. Rio de Janeiro. 1968.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O Desenvolvimento do capitalismo na Rússia*. São Paulo: Nova Cultural, 1985. 402 p.

MARX, Karl. A parceria e a pequena propriedade camponesa. In: _____. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Difel, v. 6, p. 918-931. 1985. (Livro 3, v.6).

WILKINSON, John. *O Estado, a agroindústria e a pequena produção*. São Paulo-Salvador: HUCITEC, 1986.

WOORTMANN, Klass. *Com parente não se negueia: o campesinato como ordem moral*. Ciência Hoje, v.5, n.28, jan./fev. 1987.